

LUÍS ASSIS

Uma Casa na Árvore

seguido de

Entre a Espada e a Parede

TEATRO



Título: *Uma Casa na Árvore*
seguido de *Entre a Espada e a Parede*

© Luís Assis e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1999

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8423-62-4

Luís Assis

Uma Casa na Árvore
seguido de
Entre a Espada e a Parede

Cotovia
Instituto Português das Artes do Espectáculo

UMA CASA NA ÁRVORE
(5.^a Versão)

Elenco da estreia
de
UMA CASA NA ÁRVORE
no Maria Matos — Teatro Municipal
em
12 de Fevereiro de 1999

Velho
Jovem
Criança
Polícia 1
Polícia 2
Vozes off

Fernando Gomes
Ivo Canelas
Guilherme Duarte
Tonan Quito
Pedro Tavares
Dora Bernardo
Natália Vieira
Nicolau dos Mares

Encenação e cenografia
Figurinos
Desenho de Luz

Luís Assis
Maria Luiz
José Grilo
Luís Assis

ESPAÇO CÉNICO

Um terreno baldio, em estado degradado. Algumas elevações de terreno. Ao centro, um sofá velho e, em oposição a este, um frigorífico, anos 50, bastante degradado. Junto ao sofá, um caixote de madeira e, em cima, um rádio-gravador um pouco sujo. Ao fundo, uma cerca de madeira, já podre. Por detrás da cerca, arvoredos espessos. Ao cimo, o céu. Entre o arvoredos e o céu, distinguem-se, um pouco afastados, alguns prédios de subúrbio. Desperdícios, lixo espalhado por todo o lado. Uma fogueira, apagada, no meio da cena. Junto à cerca, à esquerda, uma grande caixa de cartão. Perto da caixa, ferros e tábuas velhas empilhadas. Junto à cerca, à direita, uma torneira.

PERSONAGENS

Velho (65 anos)
Jovem (27 anos)
Criança (12/15 anos)
1º Polícia (28 anos)
2º Polícia (33 anos)

VOZES OFF

Pai
Mãe
3 crianças
Locutor de Rádio
Locutora de Rádio
Locutora de TV

Cena 1

Tarde. A luz sobe. Ouvem-se risos e gritos de excitação de crianças que brincam ali próximo. No sofá, está sentado um homem velho, com ar de vagabundo, meio adormecido. O rádio-gravador está ligado. Música. Uma bola voa na direcção do VELHO e acerta-lhe na cabeça. Acorda sobressaltado e assustado. Entretanto, parou o barulho das crianças. O VELHO desliga o rádio-gravador.

VELHO Putas das crianças... (*Levanta-se.*) Não deixam uma pessoa descansar. Isto agora é todos os dias. (*Pega na bola.*) Pois fiquem sabendo que esta é que vocês não voltam a ver. Disso podem ter a certeza. Uns momentos de descanso... É só o que eu peço. E acabo por ser acordado, de cinco em cinco minutos,... (*Elevando a voz.*) ...por uma legião de monstros. Vão brincar para outro lado, ouviram?

Silêncio.

1.^a CRIANÇA (*Off. Receosa.*) Olhe... Desculpe... O senhor podia devolver-nos a bola? Por favor...?

2.^a CRIANÇA (*Off.*) Foi sem querer...

VELHO Não.

1.^a CRIANÇA (*Off.*) Não foi de propósito.

- 3.^a CRIANÇA (Off. *Quase suplicante.*) Nós só queremos a nossa bola.

VELHO *abana que não com a cabeça.*

- 4.^a CRIANÇA (Off. *Agressiva.*) A bola é nossa. O senhor não pode ficar com ela.

Ouvem-se as outras crianças a mandar calar esta última. Tempo.

- 1.^a CRIANÇA (Off.) Por favor, dê-nos a bola... Nós prometemos que vamos ter mais cuidado.

O VELHO *parece hesitar. Está a pensar. "Sente-se" o desespero das crianças.*

VELHO Muito bem. Então... um de vocês tem de vir buscá-la.

Ouvem-se murmúrios, como se as crianças conferenciassem sobre o que fazer.

- 3.^a CRIANÇA (Off.) Vai tu.

- 1.^a CRIANÇA (Off.) Eu?!

- 2.^a CRIANÇA (Off.) Sim. Tu tens mais lata para estas coisas.

- 1.^a CRIANÇA (Off.) O velho é meio esquisito. Eu sei lá do que ele é capaz.

- 4.^a CRIANÇA (Off.) Não sejas maricas.

3.^a CRIANÇA (Off.) Não, ele tem razão... O meu pai já me avisou para não me aproximar do velho.

4.^a CRIANÇA (Off.) Que o velho não bate bem, já toda a gente sabe. Mas isso não quer dizer...

2.^a CRIANÇA (Off.) Ah, é?!... Então, vai lá tu.

3.^a CRIANÇA (Off.) O velho é perigoso.

4.^a CRIANÇA (Off.) Perigoso, uma ova.

3.^a CRIANÇA (Off.) Pelo menos, é o que o meu pai diz.

VELHO (Impaciente. No fundo, divertindo-se com a situação.) Então?!

O resto do grupo incita a 1.^a CRIANÇA a ir. Tempo. Entra em cena, receosa, a 1.^a CRIANÇA. Olha à sua volta, num misto de susto e admiração. Olha para o VELHO, mas não se aproxima.

VELHO (Tentando mostrar-se o mais feroz possível.) Com que então queres a bola... (A CRIANÇA engole em seco e abana que sim com a cabeça.) Vocês não têm outro lugar para brincar? Têm de vir para aqui?

A CRIANÇA permanece estática.

CRIANÇA (Arranjando coragem.) Eu prometo-lhe que, assim que tivermos a bola, nos vamos embora. A sério. Nós deixamos o senhor em paz.

Tempo.

LOCUTORA DE TV ...e a população, enraivecida, decidiu fazer justiça pelas suas próprias mãos, sem tomar consciência de que, a vítima do sem-abrigo, era o jovem Nuno Barreto, procurado pela polícia por tentativa de desfalque e assassinato. É assim que este país trata os seus heróis.

A cena já está toda iluminada. Tempo. A CRIANÇA entra em cena, lentamente, e vai caminhando, auscultando o terreno à sua volta. Pára e olha o frigorífico. Aproxima-se curioso e toca-lhe. Abre a porta. Rodeia-o, olhando sempre. Pára e volta a olhar à sua volta. Aproxima-se da cerca e pega num tubo de ferro, desce novamente e dá uma pancada no rádio-gravador. Metodicamente, vai destruindo toda a cena: deita o sofá ao chão, destrói a fogueira, espalha o conteúdo do caixote... Quando pára, aproxima-se novamente do frigorífico e fica a olhar para o seu interior. Deita o ferro fora que, ao cair sobre o rádio-gravador, põe-no a tocar. Música. A luz desce muito lentamente, ao longo de quase toda a música, até à escuridão completa. A música deixa de se ouvir.